

ESPECIAL

AJ13930-1

VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO

SUPLEMENTO ESPECIAL

DOMINGO - 29/07/2007

Navegando os rios capixabas

FLÁVIA MARTINS

Rio Itaúnas

A bacia do rio integra oito municípios do Norte do Espírito Santo. Nela está o Parque Estadual de Itaúnas, um dos mais importantes locais de conservação da fauna e da flora no Estado

Patrocínio



Companhia
Vale do Rio Doce

CESAN 40
Qualidade em saneamento
www.cesan.com.br

iema
INSTITUTO ESTADUAL DE
MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS

Secretaria
do Meio Ambiente
e Recursos Hídricos

UM NOVO
ESPIRITO SANTO
Governo do Estado
www.es.gov.br

ACERVO DE MACIEL DE AGUIAR



O Barão de Timbuí ajudou a financiar o telégrafo no Brasil

Força de um barão

Um dos homens mais ricos do Império, o fazendeiro Olindo Gomes dos Santos Piva, o Barão de Timbuí, deixou uma importante contribuição para história: foi um dos financiadores do telégrafo no Brasil (1852), o que, inclusive, lhe teria rendido o título de nobreza.

Segundo relato do escritor e historiador Maciel de Aguiar, homem voltado para as letras e a ciência, D. Pedro II participou de uma exposição nos Estados Unidos, onde teria tido o primeiro contato com o aparelho.

Entusiasmado, chegou ao País repleto de idéias, mas não dispunha de recursos para bancar o empreendimento.

Sabendo do fato, o barão teria escrito carta ao imperador dizendo que contribuiria com o financiamento do projeto.

Rico, com uma boa fortuna construída a partir da produção de açúcar mascavo, inhame, farinha de mandioca e abóbora, o barão dispunha de todas as qualidades indispensáveis para a época – possuía várias posses (a vila de Itaúnas teria surgido de uma das suas fazendas), era solteiro e ostentava um título de nobreza.

Por isso mesmo, era cortejado pela elite escravocrata que queria casá-lo a qualquer custo.

O Barão de Timbuí morreu sem deixar herdeiros oficiais.

“Convidado a frequentar a casa-grande, fugia à noite para a ‘quartaria’ onde dormia com as mucamas. Em suas idas ao Rio de Janeiro, escolhia até 15 negras para levar na viagem”, entrega o historiador.

Principal meio de transporte

Antes que a sua navegabilidade sofresse a influência negativa da abertura de uma foz artificial, na década de 80, o rio Itaúnas foi a “estrada” para a exportação do que era produzido na localidade, nos tempos da produção de farinha de mandioca.

Ângelo Camillo, 67 anos, mais conhecido como “Caboquinho”, relembra do tempo em que o rio era o principal meio de transpor-

te dos moradores.

Ele contou que até os anos 50 eram transportados cerca de 2,5 mil sacos de farinha, produzidos no local e levados para Conceição da Barra, em grandes canoas.

“Todo o transporte do que era produzido aqui ia pelo rio. Levavam café, mandioca e até animais que eram criados para o comércio”, lembrou.

Bacia do rio é marco da luta dos escravos

AJ/3930-2

Na bacia do Itaúnas, em Conceição da Barra, os escravos fugitivos enfrentavam os capitães-do-mato

Contar a história da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas significa mergulhar na sociedade escravocrata do período colonial e descobrir as origens do povoado de Santana, em Conceição da Barra, onde se ergueu o mais importante foco de resistência escrava no Espírito Santo: o Quilombo do Morro.

De acordo com o historiador, escritor e ex-secretário de Estado da Cultura Maciel de Aguiar, a rebeldia dos negros ficou evi-

dente nas várias ações organizadas, que levou a criação de locais específicos para receber os negros fugitivos das fazendas.

Entretanto, segundo ele, no tocante ao Espírito Santo, nada pode ser comparado ao Quilombo do Morro.

“O quilombo era uma cidade com ruas, casas, lavoura e fortificação. Por lá passaram cerca de duas mil pessoas. Ocorriam lutas armadas entre guerreiros africanos e capitães-do-mato. Foram cerca de 30 anos de resistência, após

a criação, em 1852, da Guerrilha de São Mateus, a pedido do governo da província do Espírito Santo”, narra Maciel.

Ele vai publicar nos próximos dias a obra “As Histórias dos Quilombos”, onde conta com riqueza de detalhes os principais acontecimentos do único foco de resistência negra organizada genuinamente capixaba.

Sob as lideranças de Negro Rugério e Silvestre Nagô, o quilombo teria conseguido se reerguer por diversas vezes até que, em julho de 1881, foi completamente destruído. As batalhas teriam levado à morte de aproximadamente 500 pessoas.

Ao longo de mais de um século, muitas famílias remanescentes das comunidades quilombolas de Conceição da Barra permanecem nessas terras, com sua diversidade cultural.

FLÁVIA MARTINS



Princesa africana saqueava navios

Um fato curioso foi marcante na história da bacia do rio Itaúnas. No final do século XVII e início do século XVIII, viveu na região a princesa angolana Zacimba Gaba, da nação de Cabinda, que foi capturada e trazida para o Brasil como escrava.

Comprada pelo fazendeiro José Trancoso, da Capitania de Porto Seguro, no Recôncavo Baiano, ela foi levada para a sua fazenda em Riacho Doce. Em 1674, a capitania incorporou toda a região de São Mateus, que pertenceu à Bahia.

Conforme conta o historiador e escritor Maciel de Aguiar, a princesa teria envenenado o fazendeiro com o que ficou conhecido na época como “pó de



Imagens do povo de Cabinda (Angola)



amansar senhor”, uma espécie de veneno da jararaca. A cabeça da cobra era queimada e torrada. O pó misturado à comida dos se-

nhores pelas mucamas.

Liberta, Zacimba passou a liderar, no período de 1695 a 1710, um grupo de escravos fugitivos que saqueava navios vindos de Angola abarrotados de escravos, na foz dos rios Mucuri e Cricaré.

Sempre em ataques noturnos, quando a tripulação estava dormindo, a princesa e seus comandados chegavam em canoas, subiam ao convés e pegavam os mercadores de escravos desprevenidos.

Segundo narra o escritor, no ano de 1710, Zacimba foi morta e todo o seu grupo após sofrer uma emboscada. Entretanto, a história da princesa que lutou contra a escravidão ficou registrada pela história.

Álcool e petróleo: base econômica

A região da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas concentra as principais usinas alcooleiras do Estado e dois dos seus oito municípios – Conceição da Barra e São Mateus – recebem investimentos da Petróbras, que executa neles atividades de produção e exploração de petróleo.

Diagnóstico da bacia do rio Itaúnas elaborado pelo Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos (Gearh), da Ufes, conclui que, apesar de pobre em fertili-

dade natural, os solos têm alta capacidade de uso intensivo e mecanizado, devido ao relevo plano a ondulado, o que responderia ao fato de mais de 60% da produção de álcool do Estado estar concentrada na região.

“Cerca de 65% da água é usada para atender às atividades agropecuárias. Porém, as alcooleiras também têm papel importante. As atividades tradicionais, como a agricultura do café e a pecuária leiteira, têm aberto espaço à

fruticultura, com destaque para o mamão, e para a agroindústria de papel e celulose.

O município baiano de Mucuri detém 8,1% de toda a bacia do rio Itaúnas. Representada pela Bahia Sul, empreendimento de grande porte instalado no início dos anos 90 em Itabatã, distrito de Mucuri, a empresa possui grandes áreas, principalmente no Sul da Bahia e no Norte do Estado, com plantios de eucalipto para produção de celulose.

Expediente

Editor
Joel Soprani
Subeditor
Gleberson Nascimento
Colaborador de texto
Flávia Martins

Diagramação
Carlos Maciel Pinheiro
Edição de fotografia
Sérgio Venturim

Rio Itaúnas, contraste no Norte

Formada por oito municípios capixabas, a riqueza natural da região esbarra na baixa disponibilidade de água

O encanto da sua mais famosa vila de pescadores, que foi caprichosamente enterrada pela areia ao sopro do

vento, e a força da indústria alcooleira, há décadas fixada na região, representam muito bem a Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas, uma região marcada por muitas riquezas, mas também por contrastes.

Com mais de 90% da sua área de abrangência no Espírito Santo, apesar de ter pequenos

afluentes no Nordeste de Minas Gerais e no Extremo Sul da Bahia (Mucuri), a bacia possui baixa disponibilidade hídrica (poucas chuvas e muita evaporação), o que traz sérios prejuízos sócioeconômicos, principalmente às atividades agropecuárias.

A situação motivou o governo federal a incluir a região na área de abrangência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

“O maior problema está associado às baixas coberturas florestais, principalmente no que se refere à degradação da vegetação ciliar. Associado a isso, temos características naturais como:

um índice pluviométrico baixo e características de semi-árido, o que reforça a necessidade de atenção”, destacou o gerente do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) Fábio Ahnert.

O professor Edmilson Teixeira, coordenador do Laboratório de Gestão em Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional (Labgest), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), corrobora com a necessidade de olhar com outros olhos para a região.

“A bacia do rio Itaúnas tem limitações do ponto de vista da disponibilidade de água. Sabemos que ela é um

indutor de desenvolvimento. Por isso, é preciso avaliar muito bem as políticas voltadas para a melhoria da qualidade de vida da população”, avaliou Teixeira.

No Estado, a bacia passa por oito municípios. São eles: Montanha, Mucurici, Pinheiros, Pedro Canário, e parte dos municípios de Boa Esperança, Conceição da Barra, Ponto Belo e São Mateus.

Para propor soluções para os problemas, a sociedade civil organizada, usuários de água e o poder público formaram o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas que, a partir de diversas ações, vem modificando a realidade local.

INFORMAÇÕES GERAIS

- **Área de drenagem** - 4.391 km²
- **Gerenciamento** - Rio de domínio estadual
- **Localização** - Extremo Norte capixaba
- **Distribuição** - A bacia tem mais de 90% da sua área de abrangência no Espírito Santo, apesar de ter afluentes no Nordeste de Minas Gerais e no Extremo Sul da Bahia (Mucuri). O rio tem a sua nascente próxima ao distrito de Itabaiana, na Bahia, e a sua foz está em Conceição da Barra (ES)
- **Limites geográficos** - O rio Itaúnas é formado por dois braços, norte e sul. O Córrego Limoeiro ou Guaribas serve de divisa com Minas Gerais. Como a divisa do Espírito Santo com a Bahia está, em grande parte, sobre uma linha reta dentro da bacia do rio Itaúnas, vários afluentes da margem esquerda têm suas cabeceiras naquele estado, como o Córrego Zinco, o Ribeirão do Engano, entre outros
- **Municípios cobertos pela bacia no Espírito Santo** - Montanha (23,23%), Pinheiros (19,73%), Mucurici (11,60%), Boa Esperança (5,59%), Conceição da Barra (15,85%), Pedro Canário (9,77%), Ponto Belo (3,54%) e São Mateus (2,59%).
- **População** - Estimada em 200 mil pessoas
- **Principais afluentes no Espírito Santo** - Córregos Angelim, Barreado, Dezoito e Dourado; ribeirões Itauninhas e Suzano; e os rios Preto do Norte, do Sul, Santana e São Domingos
- **Principais atividades econômicas** - Turismo, pecuária, piscicultura, industrial (mineração, madeira, mo-

veleira, farinha e alcooleira) e agricultura, tendo como base a produção de banana, cana-de-açúcar, café, coco, laranja, mandioca, mamão, maracujá, melancia e pimenta-do-reino

■ **Pluviosidade média** - A região da bacia do rio Itaúnas tem valores de precipitação média anual que variam entre 950/1000mm e 1100/1150mm

■ **Características naturais** - Em função do baixo índice pluviométrico, a produção agrícola depende diretamente da disponibilidade hídrica de mananciais, os quais sofrem obstrução através de diversas barragens existentes na região. A água é captada e utilizada para os mais variados sistemas de irrigação nas lavouras.

■ **Problemas** - O desmatamento e a erosão das margens dos rios, com a destruição da mata ciliar, são alguns dos fatores que ameaçam seriamente a disponibilidade hídrica dos mananciais da bacia do rio Itaúnas

■ **Unidades de preservação** - A Reserva Biológica (Rebio) do Córrego do Veado (entre Pinheiros e Boa Esperança), a Rebio Córrego Grande, a Floresta Nacional (Flona) Rio Preto e o Parque Estadual de Itaúnas - as três unidades estão localizadas no município barrense

Fonte: Diagnóstico Preliminar da Bacia do Rio Itaúnas, do Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos (Gearh), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas e Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema)

Melhor distribuição da água

Se por um lado a bacia do rio Itaúnas é a que tem o maior déficit hídrico do Espírito Santo, em contrapartida ela dispõe da maior quantidade de outorgas - 87, até junho deste ano - concedidas pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema).

A outorga é o procedimento utilizado pelo Iema para melhor disciplinar o uso da água, com a concessão do direito de uso aos proprietários, minimizando conflitos entre os usuários.

USUÁRIOS

“Hoje temos 825 pedidos de outorga feitos em todo o Estado. Das 290 expedidas até agora, 87 estão na bacia do rio Itaúnas. Isso significa que está havendo maior envolvimento do usuário e uma melhor distribuição dos recursos”, conta o gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert.

Desse total, em torno de 82% foram destinados para ativi-

des de irrigação, seguido da pecuária (8%), do abastecimento industrial (7%) e de barragens (3%).

“Isso é reflexo de uma demanda muito grande pela utilização dos recursos hídricos e, também, de uma maior conscientização por parte dos agricultores”, explica o presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas, Wanderson Giacomim.

Divulgação/Iema



Por-do-sol visto do rio Itaúnas: região é a que possui o maior número de concessões de uso da água

Desmatamento é o maior problema

FLÁVIA MARTINS

Pouca chuva, solos pobres, clima seco e falta de cobertura vegetal aumentam a seca na região

GLEBERSON NASCIMENTO

O déficit hídrico aliado ao clima seco, aos solos pobres e à baixa cobertura florestal, proveniente do acelerado processo de desmatamento, geram um efeito devastador para a região da bacia do rio Itaúnas.

No final da década de 90, ela sofreu uma grave seca, que causou sérios prejuízos à população e à economia local, o que justificou o decreto de estado de calamidade pública por parte da maioria dos prefeitos da região e a inclusão da área na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

"A cobertura florestal da bacia é muito baixa, principalmente nas partes alta e média, áreas que funcionam como 'caixas d' água' e, por isso mesmo, precisam de maior vegetação para regular o fluxo de água", explica o gerente do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema), Fábio Ahnert.

De acordo com Fábio, que responde pela área de recursos hídricos do instituto, não ter florestas compromete no aspecto erosivo. O que ameniza, segundo ele, no caso da bacia do rio Itaúnas, é o fato dela possuir um relevo mais plano.

"A topografia plana ajuda a diminuir o potencial erosivo. Isso porque a erosão está associada a muita chuva e morros. Na bacia do rio Itaúnas temos o contrário: poucas chuvas e planícies", destaca.

Por outro lado, ele frisa que, próximo aos cursos dos rios, há solo bem susceptível à erosão, já que as áreas mais críticas estão nas calhas, o que, na sua avaliação, sugere que as margens possuem pouca vegetação ciliar.

A escassez de chuvas é um outro problema. O índice pluviométrico varia em média de 900mm a 1100mm por ano. Para se ter uma idéia, na re-

O que é déficit hídrico?

É quando a relação do que chove, comparado com o que se perde por evaporação, fica negativa, ou seja, chove menos do que evapora.



Falta de cobertura vegetal original nas margens, desmatadas ao longo dos anos, provocou problemas na bacia do rio Itaúnas

gião serrana, os índices estão em 1600mm, cerca de 50% maior do que na bacia do Itaúnas.

Para o especialista em recursos hídricos Edmilson Teixeira, há um aspecto que deve ser observado: "O problema do déficit hídrico, associado à ação do homem por meio do desmatamento, se torna uma agravante para o desenvolvimento."

Segundo ele, é difícil manter a população na região, já que não há atividades para envolvê-la. "A tendência é de que ela vá para os grandes centros, que no nosso caso é a Grande Vitória, alimentando bolsões de miséria", avalia.

AS MAIORES DIFICULDADES

A região da bacia do rio Itaúnas se apresenta como uma das mais frágeis do Estado, considerando a questão da disponibilidade hídrica

- Os recursos hídricos são escassos
- Observam-se deficiências no abastecimento d' água e no seu tratamento
- Não existe tratamento de esgoto em várias comunidades

- Os esgotos domésticos são a principal fonte de poluição dos mananciais
- Verifica-se a ausência de cobertura vegetal às margens dos mananciais e nascentes
- Muitas propriedades utilizam água para a irrigação das culturas
- Desvio de cursos d' água em alguns afluentes

- Existem potenciais impactos do lançamento de dejetos industriais das usinas de álcool e farinhas sobre os mananciais da bacia do rio Itaúnas

Fonte: Diagnóstico Preliminar da Bacia do Rio Itaúnas, do Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos (Gearh), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Rios nascem e morrem ao longo do ano

A falta de chuva cria um problema extra para as atividades econômicas instaladas ao longo da bacia do rio Itaúnas. É que muitos afluentes são intermitentes, ou seja, nascem e morrem ao longo do ano.

"Por se tratar de uma região de baixa pluviosidade (poucas chuvas e muita evaporação), alguns afluentes secam em período de estiagem, em função da falta de chuva, e voltam a ter água corrente nos períodos das cheias", explica o subgerente de Recursos Hídricos do Iema, Cláudio de Almeida.

Segundo ele, esse fator é negativo para as atividades econômicas, já que há dependência e instabilidade quanto ao uso da água desses córregos.

Grupo faz diagnósticos

A tarefa de diagnosticar os problemas da bacia do rio Itaúnas e, a partir deles, buscar soluções foi realizada pela primeira vez pelo Grupo de Estudos e Ações em Recursos Hídricos, o Gearh, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob a coordenação dos professores Edmilson Teixeira e Antônio Sérgio Mendonça.

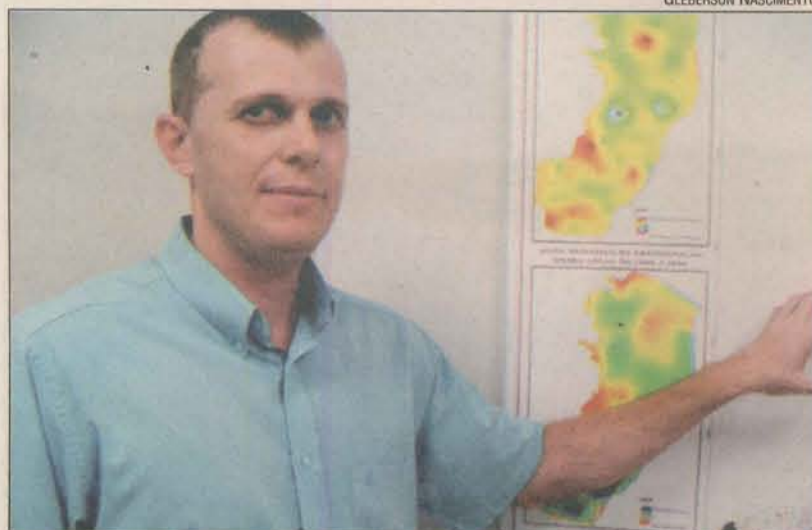
O estudo, que foi intitulado "Diagnóstico Preliminar da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas", durou cerca de oito meses e foi realizado no ano de 1997.

Ele é o mais completo trabalho feito sobre a bacia do rio Itaúnas, por conter diagnósticos fisiográficos (solo, relevo, hidrografia e biologia) e sócioeconômicos.

"Nele, mostramos os problemas e sugerimos soluções. Devido às características naturais próximas àquelas encontradas no Nordeste do País, a região precisa analisar de forma cautelosa a divisão da água, já que a sua falta é um inibidor do desenvolvimento", argumenta Teixeira.

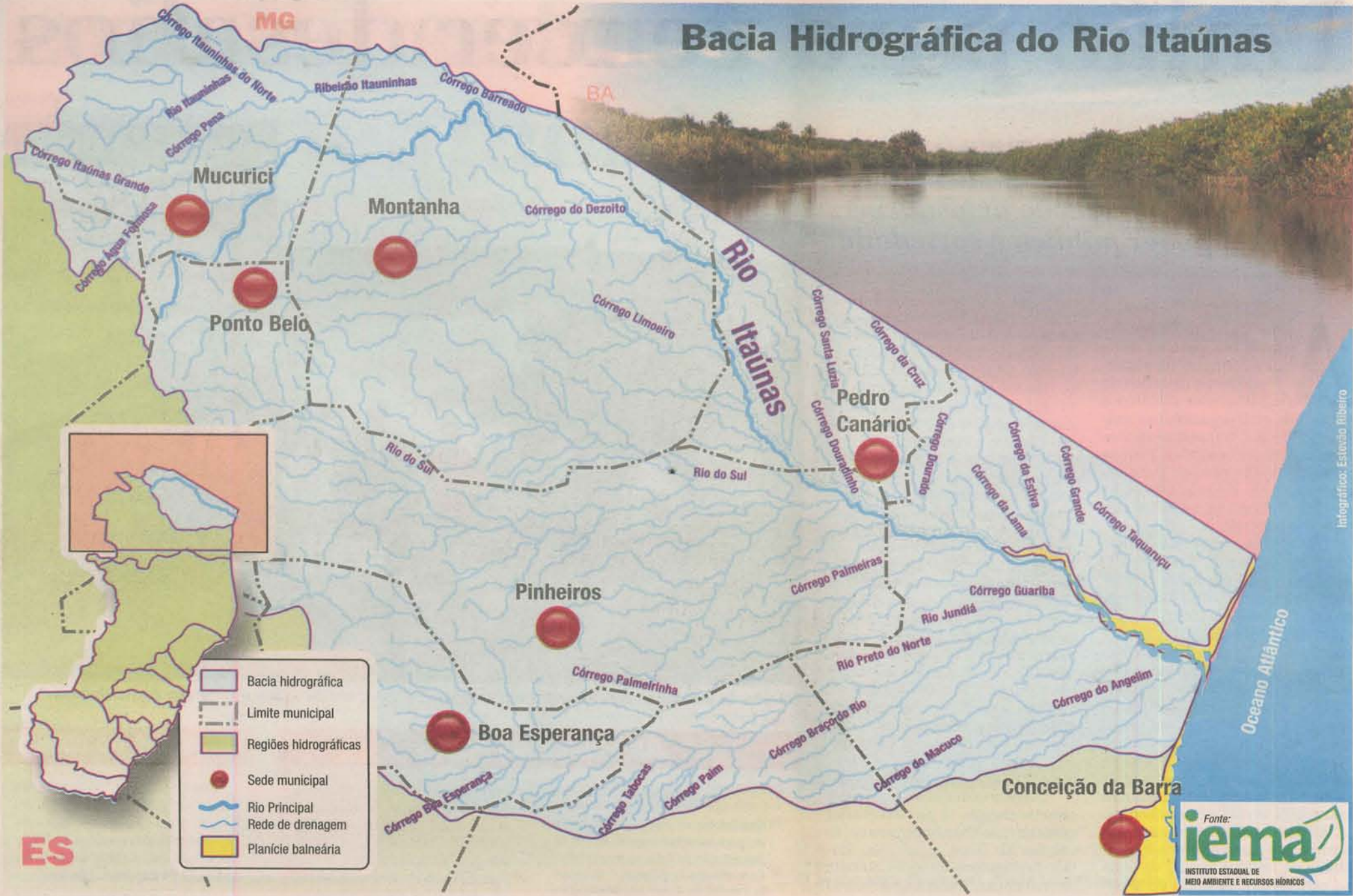
Do Gearh nasceu, em 2005, o Laboratório de Gestão de Recursos Hídricos em Desenvolvimento Regional (Labgest), que é vinculado ao curso de Engenharia Ambiental da Ufes.

O grupo, que possui cerca de 30 integrantes, realiza estudos para comprovar como a água pode se tornar fator indutor ou limitante do desenvolvimento das regiões.



Fábio Ahnert, gerente do Iema: relevo plano é a vantagem

Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas



AJ13930-5

Infográfico: Estação Ribeiro

União para vencer desafios

AN13930-6

O Comitê da Bacia do Rio Itaúnas, primeiro criado no Estado, surgiu da mobilização de usuários de água, poder público e sociedade

GLEBERSON NASCIMENTO

A necessidade de buscar soluções para os déficits hídricos da região Norte levou usuários de água, poder público e sociedade civil organizada a unirem esforços, o que culminou com a criação, em outubro de 2001, do primeiro comitê de bacia hidrográfica do Espírito Santo: o do rio Itaúnas, cuja sede fica em Pinheiros.

Composto por 24 membros e atuando de forma descentralizada, o comitê possui as comissões de Planejamento Estratégico e de Sistemas de Informações, além das coordenadorias de Recomposição Vegetacional e Recursos Hídricos, Educação Ambiental e Saneamento.

Com uma gestão compartilhada, o presidente do comitê, o geógrafo Wanderson Giacomini, coordena uma série de atividades voltadas para a preservação, por meio de parcerias firmadas com instituições públicas e privadas.

Entre elas estão: realização de seminários para apontar a importância da racionalização da água na agricultura, cadastro de usuários de água, caminhadas ecológicas, preservação de nascentes e reflorestamento ambiental.

Mais recentemente, uma parce-

Instituto atua para agilizar os projetos

Para realizar os trabalhos propostos pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas (Cepit) – ele não possui personalidade jurídica, estando, portanto impossibilitado de captar recursos e doações financeiras – foi criado, em junho de 2001, o Instituto Hidrográfico e Ambiental da Bacia do Itaúnas (Ihabi).

“Ele funciona como uma espécie de agência de bacia, cuja função é trabalhar executivamente para que os projetos e ações possam ser efetivados”, explica o presidente do comitê, Wanderson Giacomini. O atual presidente do Ihabi é o funcionário público Fábio Morandi de Moraes.

Exemplo para outras bacias

Os mesmos critérios adotados nas outorgas (concessão de uso da água) na bacia do rio Itaúnas servirão para a bacia do rio São Mateus. A informação é do presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas, Wanderson Giacomini.

Segundo ele, a secretária estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Maria da Glória Abaurre, acenou positivamente para a solicitação feita pelo comitê.

“Com essa flexibilidade, o

ria firmada entre o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) e o Instituto Hidrográfico e Ambiental da Bacia do Itaúnas (Ihabi), que é vinculado ao comitê, permitiu o plantio de 15 mil mudas da Mata Atlântica nos municípios de Mucurici, Pedro Canário e Pinheiros.

Numa outra atividade, 1.236 alunos de escolas de municípios que envolvem a bacia fizeram uma caminhada ecológica, no corredor do Córrego do Veado, para mobilizar as comunidades da importância em se preservar os recursos hídricos.

“A nossa menina dos olhos é a implantação do Plano Diretor de Bacia, que vai priorizar as demandas da região e apontar como devem ser trabalhados os recursos hídricos”, destaca Wanderson.

O Iema também tem desenvolvido ações na região da bacia do Itaúnas, entre elas campanhas educativas de outorgas e cadastramento dos usuários de água.

“A bacia do Itaúnas é a que mais merece atenção. É preciso avaliar quais atividades econômicas se encaixam ali. Tem água? Não. Então, precisamos levar tecnologia de uso eficaz, trazer experiências de fora, buscar parcerias e seguir adiante com mais ousadia”, opinou o especialista em recursos hídricos Edmilson Teixeira.

Qualidade da água varia de aceitável a boa

O Índice de Qualidade da Água (IQA) – que analisa aspectos como PH, temperatura, Oxigênio Dissolvido (OD), Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO), fósforo, nitrogênio, coliformes fecais, turbidez e resíduo total – aponta uma qualidade que varia de aceitável a boa na bacia do rio Itaúnas.

Atualmente, existem três pontos de monitoramento do IQA ao longo da bacia: um na foz, outro na parte média e um terceiro na parte baixa. Ainda não há monitoramento na parte alta da bacia, segundo informação do Instituto Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema).

usuário terá uma margem maior de segurança no seu empreendimento. Sem a outorga não é possível pleitear recursos financeiros junto aos bancos”, explicou.

A bacia do rio Itaúnas está localizada na região do Atlântico Leste do Plano Nacional de Recursos Hídricos. “Tínhamos regiões com características físicas homogêneas e distribuição de água bem diferente. Agora a roda volta para o prumo”, comemorou.



Líderes de entidades e estudantes (no destaque) participam de ações em defesa do rio Itaúnas

AS PRINCIPAIS AÇÕES

COMITÊ

- Seminários** – Foram realizados eventos para mostrar a importância da racionalização da água na agricultura.
- Caminhadas ecológicas** – A proposta é mobilizar as comunidades para a importância de preservar os recursos hídricos.
- Monitoramento** – Algumas áreas foram monitoradas com intuito de descobrir a quantidade de água utilizada na região.
- Estudos** – Na tentativa de racionalizar os recursos hídricos, estudos apontaram o melhor tipo de irrigação, evitando grandes aspersores e pivôs centrais em que a perda de água é muito grande por evaporação.

IEMA

- Campanhas educativas** – O lema tem orientado os usuários para os procedimentos necessários para obtenção da outorga.
- Cadastro de usuários** – O instituto vai

fazer um raio X de como a água está sendo usada na região. As informações vão alimentar um sistema de dados em recursos hídricos, além de subsidiar as decisões do comitê.

- Plano de Bacia** – No Projeto Águas Limpas, realizado por meio de uma parceria entre a Cesan e o Iema, há a proposta de elaboração de diretrizes que vão embasar a criação do Plano de Bacia.
- Reflorestamento** – Convênio assinado com o Ihabi permitiu a recuperação de nascentes na região, por meio do plantio de 15 mil mudas de árvores da Mata Atlântica.
- Água subterrânea** – A região da bacia do rio Itaúnas também está incluída no projeto de Levantamento Hidrogeológico do Estado do Espírito Santo, que visa conhecer a quantidade e a qualidade da água encontrada no subsolo da região Norte.

Fonte: Órgãos consultados

FOTOS: COMITÊ DO RIO ITAÚNAS

Antes



Depois



Plantio de mudas em 2004 e o resultado em 2006

MEMBROS DO COMITÊ

Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itaúnas (Cepit) é tripartite, ou seja, possui em quantidades iguais representantes dos usuários de água, sociedade civil e poder público. Ao todo, são 24 membros. São eles:

Usuários

- Moisés Covre (Assipes)
- Giovanni Braga (Associação de Irrigantes de Boa Esperança)
- Carlos Alberto da Cunha (Cesan)
- Sérgio Lima (Disa)
- Manoel Nunes (Petrobras)
- Luciano Lisboa (Aracruz Celulose)
- Nivaldo Sossai (Sindicato dos Trabalhadores de Montanha)
- Nerzyr Dalla Bernardina (Alcon)

Sociedade civil

- Cecilha Narcondes (Sapi)
- Wanderson Giacomini (Ihabi)
- Rosileia Santos (Mepes)
- Armando Fernandes (Sindicato Rural de Montanha)
- Elder Sarmento (Ceier)
- Edson Francisco de Oliveira (Centro Comunitário de Mucurici)
- Setembrino Júnior (Loja Maçônica)
- Érico Orletti (Unimandioca)

Poder público

- Giovane Sartori (Iema)
- Fábio de Moraes (Incapet)
- Maurice da Costa (Gearh/Ufes)
- Elcia Santos (Polícia Ambiental)
- Andrea Diogo (Ibama)
- Antonio Carlos Machado (Prefeitura de Pinheiros)
- Fernando da Silva (Prefeitura de Pedro Canário)
- Fernando Gava (Prefeitura de Boa Esperança)

GLEBERSON NASCIMENTO



Wanderson preside o comitê

Investimento em saneamento

AJ13930-7

A Cesan vai aplicar R\$ 1 milhão até o ano que vem em sete dos oito municípios capixabas da bacia do rio Itaúnas

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) está presente em sete dos oito municípios capixabas banhados pelas águas da bacia do rio Itaúnas. Nos últimos anos, a empresa investiu mais de R\$ 200 mil em obras de saneamento nesses locais e planeja, até o ano que vem, aplicar mais de R\$ 1 milhão.

Em Montanha, no período de 2003 a 2005, a companhia promoveu melhorias das unidades operacionais, expandindo redes e efetuando ligações prediais do sistema de abastecimento de água e de esgotamento sanitário do distrito de Vinhático.

Até o ano que vem, estão programadas outras melhorias no sistema de abastecimento de água e esgoto da sede municipal e do distrito, o que irá beneficiar cerca de 12 mil habitantes.

Em Boa Esperança, a Cesan implantará o sistema de

abastecimento de água de Garrucha e de Bela Vista, dentro do Programa de Saneamento Pró-rural, atendendo mais de 800 pessoas.

Em Mucurici, estão previstas obras nos sistemas de abastecimento de água e de esgoto de Itabaiana, com expansão de redes e de ligações, para um total 1.030 habitantes.

No município de Pedro Canário, a Cesan, de 2003 a 2005, recuperou o reservatório eleva-



Estação de tratamento em Pinheiros

do do sistema de abastecimento da sede, beneficiando 16.600 habitantes.

Até 2008, serão realizadas obras relativas à expansão de redes de água e de esgoto, bem como ligações prediais, atendendo a mais de 15 mil moradores.

Já em Ponto Belo, dentro do Programa Pró-rural, será implantado o sistema de abastecimento de água de Nossa Senhora Da Ajuda para 163 habitantes. Além disso, na sede do município, serão construídas redes de água e de esgoto, beneficiando 4.469 pessoas.

Em Pinheiros, a companhia programou investimentos para a implantação do sistema de abastecimento de água dos bairros 11 de Agosto e Nova Vitória, beneficiando 435 moradores.

Em Conceição da Barra, no período de 2003 a 2005, foram injetados recursos para a melhoria do reservatório de Braço do Rio, contemplando mais de sete mil pessoas. Até o próximo ano, a Cesan efetuará melhorias e implantará o sistema de abastecimento de água de Palmeiras, de Córrego São Domingos, de Meleiras e de Paulo Vinha, totalizando aproximadamente R\$ 438 mil em recursos.



O programa Pró-rural ajuda municípios do Norte capixaba

História debaixo da areia

A113 930 - 8

A antiga vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, foi coberta pela areia. Hoje só restam ruínas



Ruínas da Igreja de São Sebastião, na vila que foi "ocupada" pela areia

Quem caminha sobre as dunas de Itaúnas, entre o mar e a região alagada pelo rio, está passeando sobre a história de uma vila que foi, aos poucos, sendo coberta pela areia fina até desaparecer. Bastam algumas horas de conversa com moradores mais antigos, para entender por que o local é cercado de lendas.

Até a década de 50, era lá que viviam os primeiros moradores. Eram apenas duas ruas – a “de cima” e a “de baixo” – e pouco mais de 100 casas, a maioria de estuque, construção feita com madeira e barro.

Uma das principais atividades econômicas era a produção de farinha, feita nas dezenas de farinhaes espalhadas pelas propriedades, e levada para Conceição da Barra através do rio. Também havia pescadores e algumas pessoas viviam do comércio do que produziam, às margens do rio Itaúnas.

A partir de 1952, os moradores começaram a ser expulsos pela força da areia e a mudar para o outro lado do rio, onde fica a vila atual. As dunas chegam a atingir 30 metros acima do nível do mar.

Restaram poucos moradores da vila antiga para contar a história. Um deles é Ângelo Camillo, 67 anos, o “Caboquinho”, figura emblemática do lugarejo.

Ele garante que, embora muitos pensem que a areia soterrou tudo o que encontrou pela frente, estão enganados.

“Ela veio aos poucos. Não foi agressiva não. Foi pedindo licença, para aterrar. Ficava dois, três anos na porta da gente, jogando areia sobre as casinhas de estuque. Muita gente acha que tem casas debaixo da areia, mas as pessoas foram tirando tudo”, contou. O primeiro a desaparecer sob

as dunas foi o cemitério da vila. Em seguida, a Igreja de São Sebastião foi soterrada. O biólogo André Luiz Campos Tebaldi, gerente do Parque Estadual de Itaúnas, explicou que o principal motivo para a formação das dunas foi a destruição da vegetação de restinga.

Ele ressaltou que o movimento da areia continuou com o tempo. Hoje as dunas estão mais baixas em alguns pontos. Exemplo disso é que as ruínas e o mastro da igreja já despontam em meio às “montanhas” de areia.

Hoje uma das diversões preferidas dos turistas é escalar a areia fina e clara, seja em dias ensolarados ou noites de lua cheia.

“As dunas são bem bonitas e interessantes. Uma vez rolei nelas e cheguei embaixo que nem um bife à milanesa”, diverte-se a estudante Jéssica Nascimento de Souza, 11, que mora em Vitória, mas sempre passa férias no balneário.

Folclore atravessa gerações

As manifestações culturais e religiosas são muito fortes e atravessam gerações, em Itaúnas, num reflexo do sincretismo entre a doutrina cristã e as tradições africanas. Todos os anos, tudo se mistura nos dias 19 e 20 de janeiro, na homenagem a São Sebastião.

Entre as mais fortes está o Ticumbí, tradição quilombola de mais de 300 anos. Também há o Rei de Bois e o Jongo. Contam os antigos que o Ticumbí começou na fazenda do Barão de Timbuí. Ainda restam suas ruínas, a 12 quilômetros da vila.

“O Ticumbí é uma roda de dança. Foi trazido pelos escravos no tem-



O Ticumbí é tradicional na região

po do barão, às margens do rio Itaúnas. Eles pediram licença para montar essa brincadeira da África. Todos se enfeitam com capacetes com fitas coloridas, tocamos violas, pandeiros e brincamos de reis”, explicou Ângelo Camillo, 67 anos, que faz parte de um dos três grupos da vila.

Também há o Rei de Bois, com foliões entoando louvores aos Reis Magos.

Uma procissão segue pelas casas e todos entram na brincadeira, com a soltura de uma espécie de boi bumbá. Na praça da Igreja de São Sebastião, a tradição conta ainda com a puxada e a fincada de mastro.

Vila vai ser reurbanizada

A vila de Itaúnas ganhará uma praça, um portal de entrada, calçadas gramadas e estacionamento para ônibus e carros. Além disso, terá rede de tratamento de esgoto e o trecho da rodovia ES-010, que a liga à estrada de Conceição da Barra, será pavimentado. As primeiras obras começam ainda este ano.

O secretário de Turismo do município, Bilirrelli da Cunha Monte, garante que o objetivo é manter as características rústicas da vila, para que ela não perca o ar bucólico que atrai os turistas.

O projeto está sendo coordenado pela Secretaria de Estado do Turismo (Setur), com recursos do Ministério do Turismo.

“Estamos procurando resgatar a história da vila e trabalhar em conjunto com o meio ambiente. Vamos fazer um trabalho para definir melhor as ruas, colocar calçadas de grama. Na área em frente à Igreja de São Sebastião será construída uma praça, para as manifestações culturais dos moradores”, disse o secretário.

Antes da entrada da vila será construído um estacionamento para que ônibus e carros não precisem circular pelas ruas internas, que continuarão sem calçamento. Apenas 20, dos 21 quilômetros da estrada serão pavimentados. O último quilômetro continuará sendo de terra.

A gerente de Estudos e Negócios Turísticos da Setur, Carla Rezende Bastos, explicou que os recursos virão do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (Prodetur).

Juntamente com recursos do Estado, o convênio para as obras de esgotamento sanitário deve ser assinado até o próximo dia 15. Com investimento de R\$ 3 milhões, as obras devem durar seis meses, sendo o primeiro passo para o projeto de reurbanização, que deve começar a ser executado em 2008.

O diretor-geral do Departamento de Estradas de Rodagem do Espírito Santo (DER-ES), Eduardo Mannato, explicou que o projeto de pavimentação da rodovia está em fase de estudos, mas deve ser executado até 2009.



A área em frente à igreja vai receber uma praça

Patrimônio humano de Itaúnas

Simpático, alegre e sempre disposto a conversar horas para contar aos visitantes histórias da vila de Itaúnas. Esse é Ângelo Camillo, 67 anos, mais conhecido como “Caboquinho”, que nasceu ainda na vila antiga e pode ser considerado patrimônio histórico da região.

“Caboquinho” se mudou com a família logo depois que a areia começou a invadir as casas. “Quando surgiu a vila nova, todo mundo foi passando para cá e construí suas casinhas. Trabalhei 12 anos nessa obra”, contou.

Ele se diverte com as histórias que se espalham e rondam a vila antiga. “Já vi dizerem até que aquilo foi praga de um padre. Na verdade, o que aconteceu foi que a areia cobriu o mato e passou por cima até de árvores”, afirmou.

“Aqui é muito bom, não tem violência, pobreza, todos são amigos. Graças a Deus”, concluiu.



“Caboquinho”: lembranças

Projeto ajuda a salvar dunas

FLÁVIA MARTINS

O Iema desenvolve trabalho que visa a recuperação e preservação da vegetação de restinga

Depois que a areia soterrou a vila antiga de Itaúnas, a partir da década de 50, as dunas não pararam de sofrer mudanças com a ação do vento e do desmatamento. Um estudo mostrou que elas avançam, aproximadamente, cinco metros por ano.

Para garantir a preservação das dunas, o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) está desenvolvendo um estudo para um projeto de recuperação da vegetação de restinga na área.

O gerente do Parque Estadual de Itaúnas, biólogo André Luiz Campos Tebaldi, informou que há alguns anos foi feito um trabalho de interpretação de imagens fotográficas, para identificar quantos metros as dunas avançavam a cada ano.

"A região próxima à antiga vila tinha proteção da vegetação. Ela foi sendo retirada, as dunas ficaram soltas e, com o tempo, a areia foi avançando.



Às dunas

Elisa Lucinda

Caminho para as dunas.

Viajo caminhante sobre as rodas de minha bicicleta.

Duas meninas, digo duas moças brancas de longe vejo, se comparam nos bronzeamentos alinhando um braço ao outro.

Paralelas competem ludicamente os tops.

Vinham do sol.

Só que uma era bege e a outra era rosa.

Então cruzamos e eu, ainda indo para o mesmo sol, passava marrom pelas duas.

Os olhos delas se calaram com a visão sem argumentos.

O silêncio ensurdecedor disse, conselheiro, prá minha vaidade: Sossega!

Depois vejo uma menina adolescente com uma tatuagem bonita no meio das costas entre as asas.

Porém encobria o resto, maior parte do corpo com a largueza do vestido.

Reparo.

Cada um carrega o seu tormento.

Mas não está nem aí para isso no entanto a paisagem de Itaúnas.

O sol iluminando areias e um preto bonito que passa preto

contrastando correndo bonito sobre elas.

(...)

Ela seguiu em direção ao alagado. O estudo mostrou o avanço, que pode estar menor ou maior do que cinco metros, mas é visível que há mudança", explicou André.

Ele ressaltou que as dunas são um ambiente em constante transformação. "Nesses anos, ela diminuiu de altura, que chega a

30 metros, e aumentou sua extensão", acrescentou.

Exemplo disso é o fato das ruínas da Igreja de São Sebastião, a primeira construção a ser soterrada na vila antiga, estar cada vez mais descoberta pela areia.

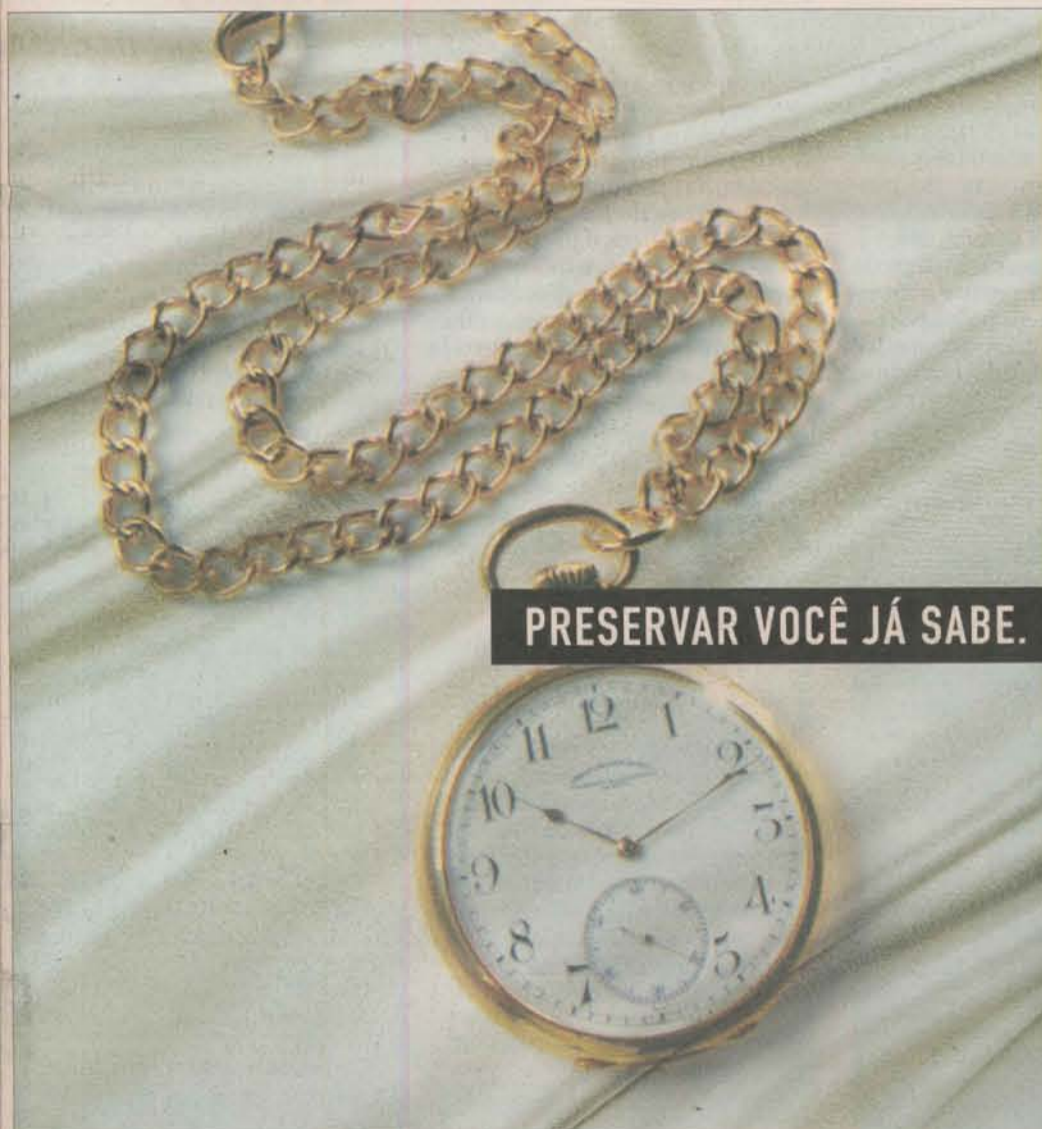
O projeto prevê a recuperação da vegetação de restinga, voltada à direção predominante dos ven-

tos, principalmente nas áreas mais críticas, como o limite com a área alagada, também muito importante no ecossistema do parque.

Ele observou que, frequentemente, a areia tem de ser retirada, da estrada que corta o parque, ligando Itaúnas à praia de Riacho Doce, na divisa com a Bahia, porque chega a impedir o flu-

xo de veículos.

"Se essa recuperação não for feita, daqui a 10 ou 15 anos poderá não existir duna, porque ela está se espalhando. Os visitantes também têm de ter consciência de preservação, não retirando plantas nem levando animais domésticos para o passeio na areia", ressaltou o biólogo.



PRESERVAR VOCÊ JÁ SABE. FAÇA O MESMO COM A FLORA.



Todo mundo já conservou alguma coisa um dia: um objeto familiar ou de valor sentimental. Aproveite que você já tem experiência e ajude a preservar a flora. Afinal, ela reduz a erosão do solo e serve de alimento para os animais, o que contribui para a biodiversidade, a preservação da água e de todo o meio ambiente, garantindo um futuro repleto de saúde e de qualidade de vida para nós e para as próximas gerações.

iema
INSTITUTO ESTADUAL
DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS

Secretaria
do Meio Ambiente
e Recursos Hídricos

UM NOVO
ESPÍRITO SANTO
Governo do Estado
www.es.gov.br

Parque Estadual

A113930_10

FOTOS: ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/LEMA

São 3,5 mil hectares que integram a beleza exuberante da bacia do rio Itaúnas e ajudam a preservar a fauna e a flora da região

FLÁVIA MARTINS

De um lado, as belas e históricas dunas de areia, à beira mar. Do outro, uma região alagada que abriga uma diversidade de plantas e animais. Tudo isso às margens do rio Itaúnas e cercado por vegetação de Mata Atlântica. Esse é o Parque Estadual de Itaúnas, um "quintal" exuberante para moradores e visitantes da vila de Itaúnas.

"O parque é o quintal da vila. Falamos para que as pessoas cuidem dele como cuidam do seu quintal. Toda área de lazer da vila se concentra nele", explicou o gerente da unidade de conservação ambiental, o biólogo André Luiz Campos Tebaldi.

Fundado em 8 de novembro de 1991, o parque abrange uma área de 3,5 mil hectares, cobrindo 25 quilômetros de litoral, desde a foz do rio até a divisa do Estado com a Bahia, no Riacho Doce. Ao todo, são 38 quilômetros de áreas monitoradas.

O gerente explicou que as primeiras ações de preservação começaram na década de 80, quando ambientalistas passaram a monitorar a reprodução de tartarugas marinhas. Nessa mesma época, empresários conseguiram mudar a foz do rio Itaúnas, para a construção de um hotel, o que levou a uma grande degradação.

"Ambientalistas identificaram na região áreas de extrema beleza cênica, com potencial ecológico fundamental. Em 1991, o governo decretou a área como de utilidade pública para a criação

do parque e deu-se início à proteção", disse.

A partir da criação da unidade de conservação, foram identificadas diversas espécies de plantas e animais ameaçados de extinção. A vegetação de restinga e o manguezal predominam às margens do rio, e há uma busca pela recuperação de pontos que foram degradados pela monocultura e pela mudança na foz do rio.

Além disso, o sítio histórico e arqueológico da região, que foi habitada por índios e teve uma vila soterrada pela areia, também fazem parte do parque.

André destacou que, para aumentar a preservação, o parque teve seu Plano de Manejo aprovado recentemente, que aponta prioridades a serem trabalhadas.

Também firmou parceria com o campus da Universidade Federal do Espírito Santo em São Mateus, a Ceunes, para que estudantes, principalmente de Biologia, possam pesquisar a flora e a fauna.

Atualmente, segundo ele, umas das dificuldades é a questão da regularização fundiária, já que não é permitido moradias dentro do parque, mas cerca de 45 residências continuam instaladas em sua área.

"Nessas áreas, por lei, é prevista indenização das pessoas e possível relocação das famílias tradicionais. Também lidamos com o problema da especulação imobiliária, principalmente na região do Riacho Doce", explicou o biólogo.



O parque abriga uma área de 25 quilômetros de litoral e fica em volta da atual vila de Itaúnas

Mais de 65 mil visitantes no verão

O Parque Estadual de Itaúnas recebeu mais de 65 mil visitantes no último verão. O local já se transformou em referência nacional de turismo ecológico e recebe turistas de todo o Brasil e de outras partes do mundo.

Uma pesquisa, realizada há cerca de um ano, mostrou que esse turismo no entorno do parque movimentou R\$ 116 milhões, considerando os gastos dos visitantes desde que eles saem de casa, de qualquer parte do mundo, com destino ao balneário.

O gerente do parque, André Luiz Campos Tebaldi, observou que são formados monitores

ambientais, entre moradores da comunidade de Itaúnas, para receber e orientar esses turistas.

As épocas de maior demanda são o Réveillon, o Carnaval e a Semana Santa, mas durante todo ano circula gente por lá, desde grupos de jovens a famílias inteiras, em busca da praia de águas mornas, da contemplação das belezas naturais e das aventuras que o turismo ecológico proporciona.

Na sede do parque, que fica aberta todos os dias das 9h às 17 horas, visitantes podem conhecer as histórias da vila soterrada e assistir a vídeos educativos, além de palestras e oficinas de

artesanato local, que são oferecidas na alta temporada.

Para organizar o turismo de aventura, o parque pretende estudar a capacidade e sinalizar as trilhas disponíveis, para que o ecossistema não sofra interferência externa. Em algumas trilhas, parte do caminho é feito de canoa, subindo o rio Itaúnas.

"Os passeios não são oficializados, mas alguns grupos o fazem. Nós orientamos para que haja condução adequada sem interferência no meio ambiente. A tendência é de que, a médio e longo prazo, a visitação pública seja regulamentada", acredita.



Imagem aérea mostra a foz artificial tomada pela areia e a natural sendo refeita

Rio busca a sua foz natural

A natureza segue seu curso e se recupera, lutando contra a intervenção humana. Prova disso são as mudanças que o rio Itaúnas vêm sofrendo ao longo dos anos.

Desviado de seu curso natural pela mão do homem, o rio luta para reencontrar sua foz.

O biólogo André Luiz Campos Tebaldi, gerente do Parque Estadual de Itaúnas, observou que a abertura forçada pelo poder econômico de uma foz artificial, na região de Guaxandiba – três quilômetros acima da foz original – levou a uma grande degradação da área, com assoreamento e até mesmo influência na região alagada, cada vez mais vazia.

Chegando à foz artificial, aberta na década de 80, é possível ver a destruição causada pela força da água. A região que era coberta por uma farta vegetação de restinga, se transformou em pura areia.

Mas a boca do rio tem rejeita-

do a foz, que já tem um enorme banco de areia, e está achando caminhos para, em meio à mata, reencontrar o antigo traçado.

O biólogo aponta que a tendência é a formação de manguezal na Guaxandiba. Já existe vegetação de manguezal se formando e regenerando da área do encontro entre a água do rio e a do mar.

"Quando foi constatada a degradação pelas mudanças feitas naquela época, descobriu-se que era melhor não haver mais intervenção, pois a natureza cuidaria da recuperação", explicou o biólogo.

André destacou a importância de proteger esse ecossistema, que é formado de áreas de interesse mundial para conservação.

"O Estado só tem três ou quatro, que estão dentro de áreas protegidas. O parque é uma delas. Como ficam na foz dos rios, são alvo da degradação dos recursos hídricos", ressaltou.

de Itaúnas

AJ13930-11

Berçário de espécies ameaçadas

O Parque Estadual de Itaúnas é um verdadeiro berçário para espécies ameaçadas de extinção. Tartarugas marinhas, aves, peixes e mamíferos escolheram o lugar para se alimentar, reproduzir e alguns só são encontrados naquela região.

Três espécies de tartaruga marinha desovam nas areias da praia de Itaúnas: Cabeçuda, Oliva e de Couro. Em setembro, o Projeto Tamar começa a monitorar a desova.

Quem visitar o parque entre os meses de dezembro e fevereiro já poderá acompanhar a abertura dos ovos na areia e o caminho traçado pelos filhinhos até o mar.

Na região de alagados, às margens do rio, a cheia vem junto com as chuvas e é a época em que acontece a reprodução do "peixe das nuvens",

ou "peixe anual", que só existe naquele local.

Atingindo até 10 centímetros, o peixinho, com listras pretas a amarelas, enterra os ovos quando percebe que os alagados estão secando. Somente no ano seguinte, nas cheias, os filhotes nascem.

"A região dos alagados é uma das maiores áreas inundáveis do Estado e abriga muitas espécies. O 'marreco irerê', por exemplo, vem todos os anos voando da África, para se alimentar no local", ressaltou o biólogo André Luiz Campos Tebaldi, gerente do parque.

Outras 135 espécies de aves têm a região como rota migratória. Papagaios e maritacas voam em bandos. As garças brancas e cinzas são presença constante às margens do rio Itaúnas, onde o manguezal luta pela sobrevivência.

Jaguatiricas, pacas, lontras e sagüis resistem à caça predatória. Na fauna, existem orquídeas raras e bromélias, principalmente nos alagados, onde há até a ilha das bromélias.

"É importante que turistas, sociedade e poder público estejam cientes da necessidade de promover a proteção desse ambiente para as futuras gerações", ressaltou André.



Macaco-prego brinca tranquilamente na área do parque

LUANA REBOUÇAS/LEMA



Filhote de tartaruga marinha: praia de Itaúnas é um dos pontos de desova no Estado

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/LEMA



Bicho preguiça e papagaio também vivem no parque

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/LEMA



CONHEÇA AS BELEZAS DO PARQUE

Fauna

A diversidade de ambientes dentro do parque favorece o aparecimento de uma variedade muito grande de espécies, muitas ameaçadas de extinção.

Foram catalogadas 43 espécies de mamíferos, sendo que o parque abriga 23% dos mamíferos não voadores que ocorrem na Mata Atlântica. Entre os exemplares, há jaguatiricas, sagüis-da-cara-branca, lontras e pacas.

Também há 183 espécies de pássaros na região, a maioria na lista dos ameaçados em extinção, como papagaio, maritaca, ilnhambu-tururim, gavião-

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/LEMA



pomba, águia-uiraçu, corujão-orelhudo, tangará-falso, macuco, pato-selvagem, jacupemba, papagaio-curica e curió.

As tartarugas Oliva, de Couro e Cabeçuda se reproduzem nas areias da praia e outras espécies se aproximam da orla para se alimentar.

O parque é o único lugar no mundo em que se encontra o peixe ornamental da espécie de "anual" ou "das nuvens".

Descoberto em 1969, mede até 10 centímetros e tem listras amarelas e pretas, se reproduzindo anualmente, na época das chuvas, na região dos alagados.

Flora

Possui várias espécies de plantas raras e ameaçadas. São de exemplares da Mata Atlântica, como a mata de tabuleiro que se encontra em extinção no Estado, além de vegetação de restinga e mata ciliar, onde há formação de manguezal. Nos alagados há forte presença de bromélias. Orquídeas raras também estão protegidas na área.

LUANA REBOUÇAS/LEMA



Área

Fica na bacia do rio Itaúnas, cobrindo área aproximada de 3.500 hectares. Sua extensão vai da foz do rio, em Conceição da Barra, até a praia de Riacho Doce, na divisa com a Bahia, cobrindo 25 quilômetros de litoral, além de Mata Atlântica, restinga, manguezal, dunas e o maior alagado do Estado.

Sítios arqueológicos

São 23 sítios arqueológicos no parque, que mostram a diversidade cultural do Norte do Estado, com resquícios pré-coloniais e artefatos dos séculos XIX e XX. Um sítio arqueológico é a vila antiga de Itaúnas, que foi soterrada pela areia.

Plano de Manejo

O Plano de Manejo é instrumento para gestão do parque, visando melhoria em sua relação com a comunidade e implantação de programas para preservação, com controle das atividades como caça, pesca, retirada de madeira, cultivo de subsistência, moradia e turismo descontrolado, incompatíveis com a proteção integral.

Serviço

- **Como chegar:** A sede fica na vila de Itaúnas. Seguir pelo acesso para Conceição da Barra. São 14 quilômetros até a saída para a ES-010, com 21 quilômetros de estrada de chão até a vila.
- **Visitação:** A sede está aberta todos os dias, das 9h às 17 horas.
- **Informações:** (27) 3762-5196.

Fonte: lema.

OUTRAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Reserva Biológica do Córrego do Veado

O Corredor Ecológico Córrego do Veado está localizado numa área de 43 mil hectares, sendo que 2.382 deles formam a reserva.

Localizada na região com a menor cobertura florestal do Estado e uma das que mais sofrem com a escassez de água, o corredor propõe conectar a Reserva Biológica Córrego do Veado, em Pinheiros, a fragmentos florestais do entorno e do município de Boa Esperança.

No local ainda é possível encontrar exemplares de espécies animais e vegetais raras, como gonçalo-alves, jacarandá, vinhático, maçaranduba, peroba-do-campo, preguiça-de-coleira, gavião-real, cotinga e macuco, dentre outros.

Reserva Biológica Córrego Grande

Criada em 1989, com 1.504 hectares, a Reserva Biológica Córrego Grande se destina à preservação integral das espécies animais e vegetais encontradas em sua área, cujo principal ecossistema é a Mata Atlântica.

A unidade - que se localiza a 16 km da BR-101, na altura da divisa com o estado da Bahia, distante 71 km da sede de Conceição da Barra -, vem sen-

do preservada e recuperada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Floresta Nacional Rio Preto

Também em Conceição da Barra está a Floresta Nacional Rio Preto, que possui 2.830 hectares com uma cobertura de Mata Atlântica e infra-estrutura recreativa e de lazer em contato com a natureza.

No local existe o trabalho de proteção das espécies nativas destinadas à produção econômica sustentável de madeira, dos recursos hídricos, além de pesquisas e estudos do manejo da fauna silvestre.

A floresta possui também ocorrências naturais de jequitibá, ipê, cedro, canela, paraju, juçara, copaiba, braúna, peroba, entre outras. Entre os representantes da fauna estão: tatus, pacas, veados, lontras, sagüis, caxinguelês, teiús, papagaios e tucanos. Está localizada a 12 km da BR-101, no Km 27, distante 56 km da sede do município e também é gerenciada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis.

Fonte: Pesquisa A Tribuna

Visitantes chegam e ficam

A vila de Itaúnas é um festival de sotaques diferentes, marcando a diversidade de pessoas que fizeram a opção de viver ali

Quem visita a vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, na área da bacia hidrográfica do rio Itaúnas, garante que é só conhecer para se apaixonar. E muitos levaram isso às últimas conseqüências, se mudando de vez para o local.

Circulando pelos estabelecimentos comerciais, logo se percebe o festival de sotaques, que denuncia a presença de mineiros e paulistas.

É o caso do proprietário de uma das aconchegantes pousadas, Marcelo Monteiro Pires Fleury, 36 anos. Quem o vê de bermuda e chinelo de dedo, recebendo calmamente os hóspedes, nem imagina que, durante anos, seu traje foi o terno e a gravata.

Marcelo trocou a profissão de corretor da bolsa de valores em São Paulo, uma selva de concreto e arranha-céus, pela tranquilidade da vila, com suas ruas sem calçamento e belezas naturais incontestáveis.

Ele contou que, cansado da vida na cidade, pensava em mudar

de vida abrindo um negócio em Ilhabela, no litoral de São Paulo. Mas alguns amigos, que já haviam visitado Itaúnas, indicaram que ele deveria conhecer primeiro a vila, antes de tomar a decisão. A primeira visita foi em 2002.

“Vim sozinho e a primeira impressão foi horrível. Cheguei à noite, estava chovendo, a estrada um caos e a vila deserta. No dia seguinte, quando o sol nasceu, fui conhecer a praia e minha impressão foi do zero ao 10, na mesma hora. Achei tudo lindo, a praia, as dunas, os alagados. É um lugar diferente de tudo”, contou.

A pousada foi adquirida em 2004, ano em que também começou a namorar a fisioterapeuta Flávia Elias Machado, 33, que conheceu na vila. Nascida em Conceição da Barra, ela cresceu passeando no lugar.

O casamento será em outubro, na Igreja de São Sebastião, no centro da vila. Flávia garante que a festa terá muito forró.



Marcelo trocou o trabalho na bolsa de valores para viver em Itaúnas, onde vai se casar com Flávia



A beleza da região de Itaúnas atrai visitantes de todo o País

Reduto nacional do forró

Se durante o dia a tranquilidade e a contemplação das belezas naturais imperam em Itaúnas, em Conceição da Barra, as noites são embaladas pela zabumba, o triângulo e a sanfona do forró pé-de-serra, que entra a madrugada e vai até o sol raiar. A relação com o estilo musical levou a vila a ficar conhecida nacionalmente como a capital do forró.

Sempre no mês de julho acontece o Festival Nacional de Forró de Itaúnas, no Bar Forró de Itaúnas, e o Encontro Nacional de Forró, no Buraco do Tatu, onde já se revelaram muitos grupos hoje consagrados mundialmente nos ritmos do baião, do xote e do xaxado.

Contam que o forró é tradição de Itaúnas desde a vila antiga. Mas a projeção nacional começou mesmo em 1995, quando grupos de

forró, que tocaram no lugar, começaram a ganhar fama e caíram no gosto de universitários paulistas que visitavam a vila, daí o termo “forró universitário”.

Um dos pioneiros da difusão do ritmo foi o bar Forró de Itaúnas, aberto em 1989. O sanfoneiro Luiz Geraldino, de São Mateus, o primeiro a tocar no lugar, acabou fazendo escola.

Com o crescimento do turismo, universitários paulistas espalharam o modismo para o Brasil, através da propaganda boca-a-boca. Itaúnas se tornou o reduto de artistas consagrados, que adoram o lugar, como Dominginhos, Geraldo Azevedo e Elba Ramalho.

Bandas como Falamansa, Rastapé, Trio Virgulino, Trio Potiguar e Chama Chuva, que fazem parte da elite do forró, ganharam projeção após tocarem na vila.



Dominginhos adora Itaúnas

Elisa Lucinda, paixão pelo lugar

Ela conheceu a vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, no final dos anos 70, e se apaixonou. Mais do que isso, comprou uma casa no vilarejo, se considera uma cidadã “itaunense” e se transformou em uma espécie de embaixadora do lugar, que traduz em forma de poesia.

A poeta e atriz capixaba Elisa Lucinda, que hoje mora no Rio de Janeiro, contou que comprou a casa em 1998, mas já visitava Itaúnas desde os seus 20 anos.

“Foi o melhor negócio que eu fiz na minha vida. Costumo chamá-la de ‘casinha de sonhos’. Nela há pomar, meus quatro cachorros, meu jardim. Lá é o meu refúgio, lá é a casa da minha poesia. Não tem televisão e nem telefone. Só música, papéis, livros, cadernos de poemas, de desenho, decalques, lápis de cor e idéias”, contou.

Elisa costuma ir para a vila sempre que pode. “Agora incluí em minha agenda, como se fosse um compromisso tão importante como o do trabalho, e tenho aumentado cada vez mais minhas fugidas ao paraíso. Foi lá que Deus ensaiou as tardes e o poeta que é poeta não pode viver muito tempo longe do nascedouro das tardes”, afirma.

As lembranças do local estão expostas em sua obra. Ela destaca a subida nas dunas de areia, o caminho para Riacho Doce, na divisa com a Bahia, o pôr-do-sol visto da ponte, a lua nascendo na duna e o entardecer visto de seu quintal.

“Passarei a vida tentando descrever esse paraíso. Eu sonho e trabalho para que aquela vila com tamanha identidade, com tantas particularidades, não se transforme num

balneário contaminado de resorts daninhos e irresponsáveis. Graças a Deus, em Itaúnas há um parque; graças à luta de muita gente, é uma reserva ecológica. É pulmão do mundo e isso significa que todos têm de preservá-la”, ressaltou.

De tanto amor à vila, considera-se até mesmo chata com os amigos aos quais apresenta o paraíso. Para os passeios até as dunas, por exemplo, só

bicicleta, nada de carro.

“Zezé Polesa adora e eu espero que muito mais gente do Brasil possa conhecer esse bálsamo capixaba, que não deixa nada a desejar em relação aos tão propagados paraísos baianos. Ir a Itaúnas não é um passeio. É uma experiência. Eu não sou mística, mas lá experimento o divino. Minha Nossa Senhora da Natureza sabe disso”, resume.



A poetisa Elisa Lucinda gosta de descansar em Itaúnas